

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

FELIPE MARSOLA MONTEIRO

**MINIMANUAL DE JORNALISMO HUMANIZADO PARTE
VIII: ORIXÁS NA UMBANDA**

Bauru

2019

FELIPE MARSOLA MONTEIRO

**MINIMANUAL DE JORNALISMO HUMANIZADO PARTE VIII:
ORIXÁS NA UMBANDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel, junto ao Curso de Graduação em Comunicação Social – Jornalismo, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Bauru.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Juarez Tadeu de Paula Xavier

Bauru

2019

FELIPE MARSOLA MONTEIRO

MINIMANUAL DE JORNALISMO HUMANIZADO PARTE

VIII: ORIXÁS NA UMBANDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel, junto ao Curso de Graduação em Comunicação Social – Jornalismo, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Bauru.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Juarez Tadeu de Paula Xavier

Banca Examinadora

Bauru

2019

Ina Ina Mojubá, Laroyê Exú!

RESUMO

Mediante a crescente violência contra os templos de matriz africana, bem como a seus praticantes, este trabalho parte de uma investigação sobre a Umbanda em busca de elementos que componham o universo simbólico dessa religião para propor estratégias discursivas de abordagem jornalística sobre o tema, fomentando as práticas e a cultura de seus ritos, respeitando os Direitos Humanos e propondo narrativas que ajudem a sociedade a lutar por um panorama mais democrático. Com os resultados das entrevistas feitas e da reportagem realizada, será produzido um minimanual de jornalismo humanizado que contemple tal perspectiva.

Palavras-chave: Umbanda, religiões afro-brasileiras, intolerância religiosa, jornalismo.

SUMÁRIO

LISTAS DE FIGURAS E TABELAS.....	7
1 INTRODUÇÃO.....	8
1.1 JUSTIFICATIVA.....	12
1.2 OBJETIVOS.....	15
1.3 ESTRUTURA DO RELATÓRIO.....	16
2. FORMATO E GÊNERO.....	16
3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO.....	16
3.1 REPORTAGEM JORNALÍSTICA.....	16
3.2 TIPO IDEAL.....	18
4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22
ANEXO I.....	23
ANEXO II.....	29

LISTAS DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1 Dossiê Superinteressante Religiões Afro (Ed. Abril, fevereiro, 2018) . . .	14
Figura 2 Capa do projeto experimental.....	17
Figura 3 Bebas Neue.....	17
Figura 4 Fira Sans Extrabold.....	17
Figura 5 Old Sans Black.....	18
Figura 6 Búzios.....	18
Figura 7 Paleta de cores.....	18
Tabela 1 Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa (MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS, 2018).....	13
Tabela 2 Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa (MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS, 2018).....	13
Tabela 3 Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa (MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS, 2018).....	14

1 INTRODUÇÃO

Ao analisar qualquer aspecto social, político ou cultural do Brasil é necessário investigar os universos das matrizes que formaram o país, pois é nesses não-espacos que se encontram os baluartes de todas as construções posteriores ao encontro desses grupos. Por isso, pesquisar sobre a formação da Umbanda, seu (des)encaixe no meio social e a origem dos discursos de ódio contra essa religião é preciso mergulhar no histórico da colonização escravocrata.

Para concretizar os projetos de colonização com base na exploração mineral e agrícola do território, Portugal fez uso de mão-de-obra escrava retirada de diversos países da África Ocidental, Equatorial e Oriental. Dentre as populações trazidas à força para o solo brasileiro, encontravam-se diversos grupos étnicos ligados aos cultos dos Orixás – divindades associadas às forças da natureza –, sendo os mais conhecidos *Egba*, *Ijesa*, *Kétu* e *Oyó*, todos pertencentes a uma extensa região citada por Juana Elbein dos Santos (1977) como *Yoruba Land*, e que receberam o nome genérico de Nagô em solo brasileiro. Além de sua força escravizada para o trabalho a mando da coroa portuguesa, esses povos também trouxeram outras coisas em sua diáspora:

[...]portadores de uma tradição cuja riqueza deriva das culturas individuais dos diferentes reinos de onde eles se originaram. Os *Kétu*, *Sabe*, *Oyo*, *Egba*, *Egbado*, *Ijesa*, *Ujebu* importaram para o Brasil seus costumes, suas estruturas hierárquicas, seus conceitos filosóficos e estéticos, sua língua, sua música, sua literatura oral e mitológica. E, sobretudo, trouxeram para o Brasil sua religião. (DOS SANTOS, 1977, p. 29)

Estabelecidas no território nacional, as comunidades negras passaram a trocar entre si os conhecimentos de seus povos e fundamentar suas práticas, principalmente religiosas, como forma de manutenção da identidade cultural (e a formação futura de uma identidade negra brasileira). Nesse contexto, passam a surgir os cultos dos Orixás que, por transformações inerentes ao modo de introdução desses povos – de grupos étnicos diferentes, cada qual com seus signos e configurações culturais, misturados de forma proposital – passam a adquirir

formas e ritos diversificados daqueles reproduzidos em África. Os candomblés, como passaram a ser chamados tais cultos, se distribuíram pelo Brasil e sofreram alterações de acordo com a cultura e o espaço geográfico (elementos não separados) pelos quais se difundiram.

Os cultos mantidos nas regiões próximas à Bahia mantiveram-se mais rigorosos às tradições africanas, devido ao fato de sua proximidade com o continente e pelo fato de ser o principal porto de chegada de escravos, fatores que favoreciam as trocas com os povos recém-chegados que renovavam os signos dos grupos aqui estabelecidos. Em contrapartida, nas regiões sudeste e sul houve predomínio dos ritos de origem banto, como explica Vagner Gonçalves da Silva (1995). Em uma análise que o autor faz sobre a obra “O negro brasileiro” do médico-legista Arthur Ramos publicada em 1940, aborda como os cultos bantos deram origem ao que veio se configurar a Umbanda:

Os cultos bantos, predominantes na região sudeste do país, mas não só aqui, foram tidos, pelo autor, como a contrapartida dos candomblés sudaneses do modelo baiano e em relação a eles caracterizados pela sua pobreza mítica. Daí terem sido tão facilmente influenciados pela mitologia jêje-nagô que lhes teria imposto seus orixás, pelas ideias do catolicismo e do espiritismo (postas em prática na devoção aos santos e nas seções de invocação às almas) e pelas sobrevivências aos cultos ameríndios. (DA SILVA, 1995, P. 39)

Desse trecho citado é possível compreender brevemente as configurações geográficas e culturais que levaram à formação da Umbanda e sua distribuição inicial no território brasileiro. Além disso, pelo próprio teor da obra de Arthur Ramos, é possível também analisar a origem do preconceito contra essa religião, sendo tal livro tratado como racista (DA SILVA, 1995) já que estabelecia hierarquias entre cultos brancos e cultos negros, sendo os segundos tratados como inferiores e doentios.

Para dar prosseguimento ao estudo sobre os fatores do (des)encaixe e da intolerância religiosa contra a Umbanda, proponho a seguinte divisão (orientada pelos estudos da bibliografia deste trabalho): estrutura geopolítica dos grupos de fé dominantes, histórico de desenvolvimento das religiões afro-brasileiras ao longo do século XIX e estruturas de racismo, xenofobia e preconceito de classe.

Divisão essa, vale lembrar, apenas a critério de seleção de informação e entendimento, já que os três elementos se imiscuem no âmbito das ideias e da *práxis*.

O grupo dominante, hierárquica, cultural e politicamente, tinha como configuração uma sociedade branca, europeia, com valores advindos das transformações iluministas e uma fé cristã moldada também sobre tais princípios. Nesse contexto, havia uma movimentação de secularização das diversas instâncias da sociedade, movida pelo pensamento racional, que instaurou uma separação entre Estado e religião. Além disso, o próprio cristianismo passou por transformações ligadas aos princípios da razão, fato que ressignificou algumas de suas estruturas e em seu modo de atuação.

Para uma religião formalmente instituída, como o cristianismo que há tempos vinha expurgando os transe místicos e controlando os milagres e outras experiências devocionais, a secularização representou basicamente um desatrelamento da ordem religiosa da política. Já para o sagrado circunscrito à magia, politeísmo, ou tudo aquilo que era julgado (do ponto de vista cristão) paganismo, a secularização agiu de modo a negá-lo em sua própria natureza tomando-o como, além de “irracional”, impuro e perigoso. O pensamento mágico, para legitimar-se, travou, assim, embates não só na esfera religiosa, mas também fora dela, uma vez que a distância entre o mundo que se delineava pelo discurso da Razão Iluminante parecia, neste contexto, insuperável. (DA SILVA, 1995, p. 25)

Dessa forma, uma fé baseada em conceitos simbólicos, que interliga elementos da natureza e o homem em um sentido de conexão mútua e pertencimento ao não material e “irracional” passava a configurar como inaceitável e ameaçadora à ordem vigente. Além disso, a disputa de conquista territorial brasileiro, principalmente da região nordeste e região norte litorânea, que contou com intervenção de holandeses e franceses inseriu os primeiros grupos protestantes no país. Desse primeiro contato, diversas casas de culto protestante passaram a se erguer, fomentando o desenvolvimento dessa fé que, mesmo pequena no período colonial, ganhou volume no ano de 1808 com a abertura dos portos às Nações Amigas.

Foi nesse contexto que o Protestantismo ressurgiria no Brasil. Acordos de comércio e navegação fizeram com que Portugal concedesse aos ingleses anglicanos locais em terras portuguesas. Por isto, as primeiras igrejas não-romanas no Brasil foram as episcopais anglicanas, por volta de 1810. (MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS, 2018, p. 14)

A aceitação ao protestantismo foi se consolidando ao longo do tempo, o que fez com que essas instituições passassem a ganhar força no meio social e nas estruturas políticas. Ademais, o campo das crenças protestantes ampliou-se em diversidade de modelos religiosos, sendo dois momentos importantes para o estudo dos ataques às crenças afro-brasileiras. Em 1910, despontaram as primeiras igrejas pentecostais no país, como a Congregação Cristã e a Assembleia de Deus. Ambos os movimentos ganharam fiéis principalmente por suas promessas de cura divina. Mais adiante, surgiram as instituições neopentecostais que tiveram como marco o estabelecimento da Igreja Universal do Reino de Deus (1977). Tratava-se de uma expressão ampliada da primeira manifestação pautada no proselitismo e na perseguição às práticas e crenças “ligadas ao demônio”.

Os neopentecostais “caracterizam-se por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra”. Praticam proselitismo com promessa de melhoria financeira e prosperidade materiais, aderindo a práticas ‘espirituais’ muitas vezes firmadas em amuletos e arquétipos. [...] Seus líderes, assim como seus adeptos, têm recebido acusações de práticas de intolerância religiosa contra outras crenças, principalmente contra Religiões de Matriz Africana, como no caso da morte de Mãe Gilda¹, ou mesmo, anteriormente, em decorrência de ataques a símbolos do Catolicismo, como no caso das cenas exibidas pela TV de um bispo da Igreja Universal do Reino de Deus chutando Nossa Senhora Aparecida no episódio que ficou conhecido como o “Chute na Santa”. (MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS, 2018, p. 16)

Já para entender os outros âmbitos do contexto da intolerância religiosa na separação de temas propostos, é preciso retomar a história. Com a abolição da escravidão, dois acontecimentos sucederam que compuseram o histórico de

¹ Gildásia dos Santos e Santos, mais conhecida como Mãe Gilda, foi uma iyalorixá de candomblé que fundou o Ilê Axé Abassá de Ogum (Salvador, BA). Sofreu ataques morais e físicos de integrantes da Assembleia de Deus.

fundamentação das religiões afro-brasileiras, aqui delineada somente a Umbanda, e que ajudaram a compor o terceiro elemento da divisão. Primeiro, a difícil (por parte do Estado racista) inserção dos negros nas cidades e no trabalho assalariado alterou a dinâmica da relação entre o contato com a fé e a rotina de trabalho e sobrevivência em meio à vida urbana. Segundo, a chegada de imigrantes de diversas partes do mundo para compor o trabalho assalariado no Brasil (bem como uma política de embranquecimento da nação). O aumento populacional, as disputas por sobrevivência e os choques culturais e sociais advindos desses acontecimentos gerou processos de marginalização e exclusão: os povos que vinham para trabalhar nas fábricas, por sua condição econômica, passavam a morar em cortiços ou demais moradias precárias, seus hábitos eram estranhos aos dos nativos, quando não conseguiam emprego na indústria assumiam cargos em categorias discriminadas (subempregos) e, ainda, algumas etnias eram malvistas, como os ciganos. Assim, uma religião nascida com influência dos negros e, por sua natureza, acolhedora das vítimas desses problemas sociais, enfrentava a dualidade de ser um ponto de união social, mas sofria exclusão do Estado. Com isso, é possível analisar como tais conflitos sociais afetaram, entre outras coisas, o histórico de formação da Umbanda bem como sua localização nas estruturas da cidade.

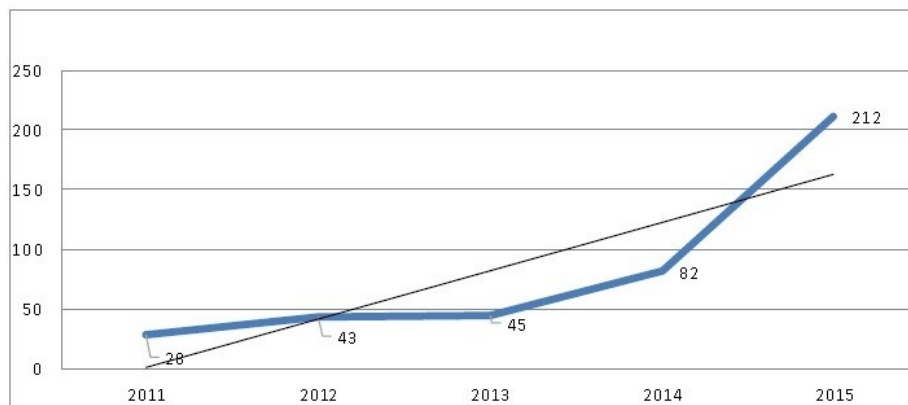
1.1 JUSTIFICATIVA

Com esse passado recente de lutas por liberdade de culto, conquistado de forma ampla pela constituição de 1988, e de resistência frente a um modelo de sociedade cujas estruturas são movidas por ideias do iluminismo e cristianismo que nega qualquer manifestação fora de suas representações, torna-se necessário o debate sobre o tema intolerância religiosa.

Mesmo havendo progressos nesse panorama, como os aportes do Ministério dos Direitos Humanos com a Secretaria de Políticas de Igualdade Racial, entre outros órgãos que lutam por políticas públicas pela valorização da população negra, bem como de sua cultura e sua participação na construção da sociedade, ainda existem pontos que carecem de luz e de ações afirmativas. Um exemplo é o fato do crescimento nos índices de intolerância religiosa nos últimos anos. Para compreender o fato em números, as tabelas abaixo mostram dados da

violência em âmbito nacional, segundo relatório do Ministério dos Direitos Humanos, e uma pesquisa realizada pelo Centro de Promoção da Liberdade Religiosa e Direitos Humanos do Rio de Janeiro (já que o Estado de São Paulo não tem uma organização equivalente).

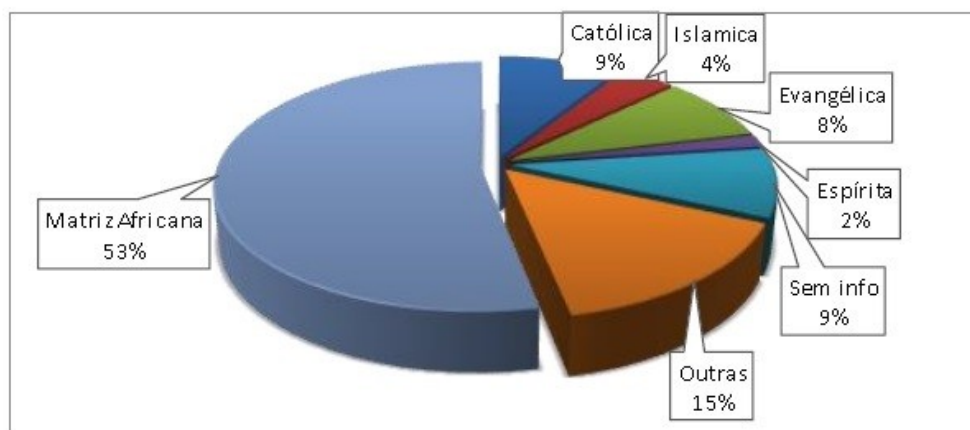
Matérias publicadas sobre violência e intolerância religiosa por ano



Fonte: RIVIR, n=409

Tabela 1 Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa (MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS, 2018)

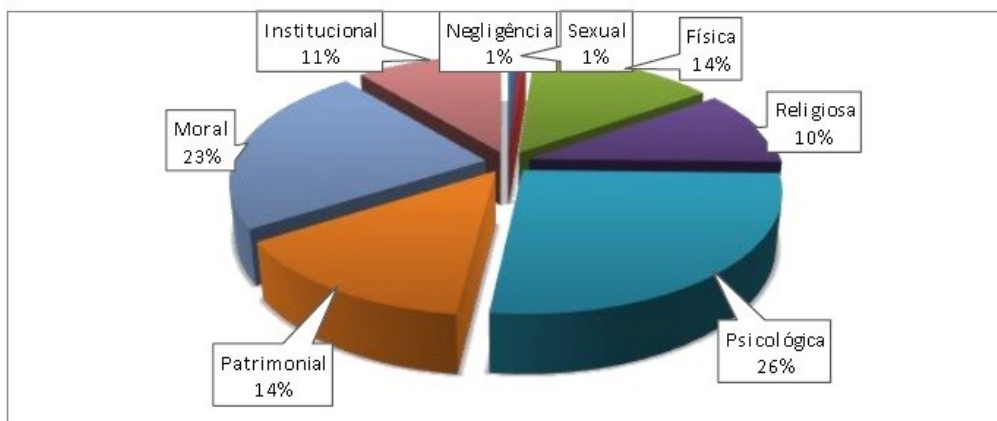
Religião das Vítimas nas reportagens



Fonte: RIVIR, n=409

Tabela 2 Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa (MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS, 2018)

Distribuição das matérias pelos Tipos de Violência



Fonte: RIVIR, n=804

Tabela 3 Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa (MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS, 2018)

Não obstante os dados dos relatórios, um fator pontual suscitou a importância do debate sobre jornalismo e promoção dos direitos humanos e aceitação da diversidade religiosa. O primeiro, a revista Dossiê Superinteressante – Religiões Afro: As origens, as divindades, os rituais (FEVERIERO, 2018) trouxe, entre tantos textos problemáticos, o seguinte título em uma matéria referente aos rituais de *entregas aos orixás*.



Figura 1 Dossiê Superinteressante Religiões Afro (Ed. Abril, fevereiro, 2018)

O título *Delivery para os orixás* faz uma comparação chula dos rituais religiosos à serviços de entrega de refeições. Além do explícito preconceito de

classe e o desrespeito imbuídos nessa manchete, a matéria desenvolve ideias que visam a banalização das religiões afro-brasileiras e suas divindades, tratando-as como comércio de favores em troca de “pratos” dos Orixás.

Não obstante os dados citados, alguns relatos das entrevistas (ANEXO I) revelam situações em que o poder hegemônico e intolerante atua em âmbito simbólico, por meio de um imaginário popular evocado com os termos “adoradores do demônio”, “sujo” ou “algo errado”, ou por intervenção direta, como no caso do relato de um umbandista que foi demitido ao saberem de sua fé. Com isso, nota-se como o debate sobre a intolerância religiosa, principalmente contra as religiões de matriz afro-brasileira, parece caminhar por caminhos de pedras e enfrenta o avanço de uma onda conservadora que busca silenciar vozes e apagar elementos de resistência frente ao modelo social instaurado. Além disso, e também como reflexo ou jogo de retroalimentação, os discursos produzidos por meios midiáticos que integram a cultura de segregação racial e religiosa de forma a desvalorizar diversos signos da Umbanda e do Candomblé ainda vigoram no meio social e contribuem para a desinformação, aumento da intolerância e validação dos discursos de ódio. Dessa forma, se faz necessário abrir debates sobre o tema, provocar discussões que auxiliem o progresso social no que tange os direitos humanos, a promoção de igualdade racial e proteção às crenças afro-brasileiras.

1.2 OBJETIVOS

A proposta do presente projeto é fornecer repertório para orientar a produção jornalística pautada nas temáticas da Umbanda, de forma a travar debates sobre a intolerância religiosa e possibilitar novos pontos de vista sobre a religião, sempre em conformidade com a preservação dos Direitos Humanos, promoção do respeito às culturas de matriz africanas e propondo a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e plural.

Sendo assim, os objetivos específicos que se pretende alcançar com esse produto experimental são:

- Entender como se dá a inserção da Umbanda nos espaços sociais, seus embates e pulsos de resistência;

- Discutir sobre como a produção jornalística pode servir de meio para a difusão de valores plurais e de promoção de respeito e políticas equitativas com relação às culturas de matriz-africana, com enfoque na religião estudada;

1.3 ESTRUTURA DO RELATÓRIO

- Mês 1: Pesquisa bibliográfica e elaboração do tema;
- Semana 5: Continuidade da pesquisa bibliográfica e início do trabalho;
- Semana 6: Elaboração do projeto gráfico editorial;
- Semana 7: Pesquisa bibliográfica, produção da introdução do minimanual e revisão;
- Semana 8: Continuidade da pesquisa bibliográfica e revisão do relatório;
- Semana 9: Continuidade na redação do texto do minimanual;
- Semana 10: Entrevistas;
- Semana 11: Entrevistas e redação do minimanual;
- Semana 12: revisão final e conclusão do minimanual;

2. FORMATO E GÊNERO

O projeto elaborado neste trabalho é um e-book no modelo de minimanual de jornalismo com referências e orientações para pautar futuras produções jornalísticas sobre como tratar temas relativos à Umbanda de forma humanizada, respeitando os princípios de direitos humanos, o universo simbólico dos grupos praticantes dessa fé, bem como termos e formas corretas de abordar tais signos.

Além disso, o minimanual trará contatos sobre órgãos associados à Umbanda, como federações, fóruns e programas do governo que servirão de possíveis fontes de consulta para produções jornalísticas, informações sobre os cultos e sobre o universo simbólico religioso cujo intuito é fornecer subsídios para que as notícias redigidas sobre o tema respeitem os signos da Umbanda e, por final, um glossário com termos utilizados no meio umbandista.

3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

Os elementos que serviram de norte para a produção do presente projeto experimental podem ser divididos em gênero, que visa explicar a construção de

um manual de jornalismo, e tipo ideal, para explicar o método de análise antropológico utilizado na pesquisa.

3.1 REPORTAGEM JORNALÍSTICA

Para a produção de um minimanual de jornalismo, produto tão intrínseco à realidade da profissão e aos métodos e técnicas utilizados no processo de produção da notícia, seria preciso optar por uma linguagem que não se desviasse desse universo. Portanto, a escolha por fazer a pesquisa de informações para o produto final coincide com a técnica de reportagem jornalística.

Para isso, uma forma possível de captação de informações para a construção da reportagem que forneça subsídios ao produto é o modelo investigativo, apresentado por Cremilda Medina (2002). Além disso, as orientações do *Manual da Redação da Folha* serão utilizadas como guia para a produção da reportagem que irá, por meio das entrevistas e coletas de informações, proporcionar subsídios que possibilitem a redação do minimanual. Como o jargão jornalístico é vasto e repleto de variações, para definir o que é uma reportagem, segue a explicação extraída do Manual da Folha.

“Reportagens têm por objetivo transmitir ao leitor, de maneira ágil, informações novas, objetivas (que possam ser constatadas por terceiros) e precisas sobre fatos, personagens, ideias e produtos relevantes. Para isso, se valem de ganchos oriundos da realidade, acrescidos de uma hipótese de trabalho e de investigações jornalísticas” (NETO *et al.*, 2001, P. 24)

Portanto, os três elementos constituintes da reportagem, segundo o modelo referido acima, são: gancho, hipótese de trabalho e investigação jornalística. Partindo disso e pensando no produto final a ser elaborado, configuram-se os seguintes tópicos:

Gancho: a revista Dossiê Superinteressante – Religiões Afro: As origens, as divindades, os rituais serve, nesse caso, como o incidente que irrompe um fluxo da realidade e levantou os questionamentos que deram início a pesquisa para o minimanual;

Hipótese de trabalho: encontrar quais estruturas dos discursos contidos na revista e respaldados na sociedade fomentam ideias preconceituosas contra a Umbanda. Os elementos histórico que fundaram a concepção geral da sociedade

sobre a Umbanda e foram apresentados na introdução deste documento (racismo, xenofobia, conflitos de interesse) formam a base da qual emanam tais discursos. Porém, é preciso identificar pontos precisos que sejam alvo de maior falta de informação. Para isso, é necessário a investigação jornalística.

Investigação jornalística: captação de informações por meio de documentos e entrevistas para que se possa comprovar a hipótese de trabalho e formular a reportagem. Dessa investigação, recorri a entrevistas com alguns terreiros da cidade que se aproximam do tipo ideal para que possa obter índices mais precisos das violências, dos discursos preconceituosos e dos pontos frágeis. Partindo das respostas, é preciso buscar informações que ajudem a construir orientações a respeito do que foi dito e elaborar as orientações necessárias. Para tanto, outro elemento da investigação jornalística é implementado: o cruzamento de informações. Por meio de entrevistas com fontes legitimadoras ao jornalismo (especialistas), que no caso seriam alguns líderes de terreiros com certo reconhecimento social.

3.2 TIPO IDEAL

Levando em consideração os diversos fatores que circundam o tema central desse trabalho, a produção de um minimanual de jornalismo que proporcione condições para a existência de materiais noticiosos que respeitem o universo dos signos da Umbanda e do culto aos Orixás nessa religião, é preciso compreender na produção da reportagem sobre o tema deste trabalho, é preciso compreender que essa narrativa gira em torno de uma personagem.

Quem é alvo de ataques motivados por intolerância religiosa? Qual seu perfil social? Onde habita? A resposta a essas questões leva a ponderar sobre os problemas já citados com relação ao histórico da formação do país e de tentativa de existência e resistência da Umbanda no meio – o racismo estrutural e demais preconceitos étnicos e de origem, a existência de um pensamento religioso atrelado à estrutura de poder que é contrário ao modo simbólico de expressão dos cultos aos Orixás. Para isso, a alternativa encontrada foi a elaboração de um tipo ideal, metodologia de pesquisa das ciências sociais proposta por Max Weber. Segundo o autor:

“Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isoladamente dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento. [...] Este conceito, desde que cuidadosamente aplicado, cumpre as funções específicas que dele se esperam, em benefício da investigação e da representação” (WEBER, 2001, P. 135 – 136)

Para a elaboração de tal quadro utópico, as tabelas 1, 2 e 3 apresentadas acima servem de base para a acentuação dos pontos de vista, já que se conectam profundamente com a categoria investigada – o terreiro de Umbanda –, além de mostrar pontos da realidade que compõem o quadro a ser estudado.

4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O presente trabalho destina-se a elaboração de um e-book gratuito que será disponibilizado na internet de forma livre, com o intuito de difundir da informação de forma democrática e colaborar com o projeto previamente estabelecido pelo site ThinkOlga que organizou os primeiros minimanuais que propõem estratégias jornalísticas para produção textual que respeite LGBTQs, negras e negros, mulheres, pessoas com deficiência e outros.

O projeto gráfico-editorial do produto foi elaborado levando em consideração alguns elementos importantes dentro da cultura dos ritos afro-brasileiros como forma de valorização de tais signos. Abaixo, encontram-se cada item que compõe a arte do minimanual e sua devida explicação.

Capa: Na mitologia yorubá, existem três tipos de sangue (*ejê*) que diferem em sua cor – *ejê funfun*, *ejê dúdú* e *ejê pupa*. Cada qual representa um período na criação do universo segundo a mitologia de Orixá. Funfun é o sangue branco, representa os Orixás ligados à criação e ao princípio dos tempos; dúdú é o sangue preto, associado às primeiras transformações ocorridas no *ayê* (plano material ou mundo físico) e aparecimento das primeiras formas de vida; pupa seria o sangue vermelho, dos tempos recentes e das últimas transformações ocorridas no *ayê*,

além de ser a cor do sangue animal. Assim, a composição em degradê da capa se baseia nos três ejês e sua cronologia dentro da cosmogonia iorubana;

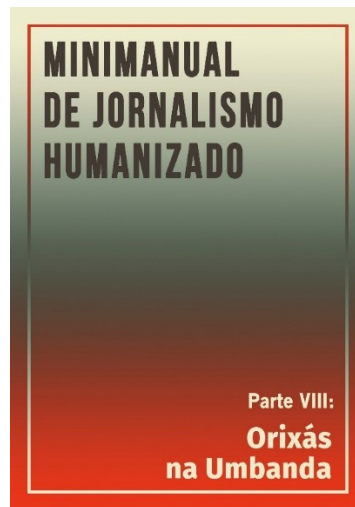


Figura 2 Capa do projeto experimental

Tipografia: As fontes utilizadas nesse trabalho respeitam o princípio de tratar-se de um e-book gratuito produzido de forma independente, sendo, portanto, todas com licença livre para uso. Sendo elas:

Bebas Neue, tamanhos 30, 40 e 50 – capa e títulos no corpo do produto;



Figura 3 Bebas Neue

Fira Sans Extrabold, tamanhos 12, 14 e 30 – capa e corpo do produto;



Figura 4 Fira Sans Extrabold

Old Sans Black, tamanhos 10 e 20 – capa e corpo do produto.



Figura 5 Old Sans Black

Arte: A arte de canto de página foi criada com um padrão de búzios, elemento importante para a Umbanda por estar presente em diversos artefatos religiosos, como guias, brajás, patuás, ebós e outros.



Figura 6 Búzios

Paleta de cores: a proposta da composição de cores do produto é a mesma dos ejê. Acrescentou-se a cor verde de código hexadecimal #006f37 em títulos dentro do corpo do minimanual. Para explicar seu uso recorri aos seguintes pontos: o que a cultura europeia conhece como cores secundárias ou terciárias seria, na mitologia yorubá, a variação dos sangues ou dos diversos elementos associados ao determinado sangue, sendo nesse caso o verde uma variação do ejê dúdú; esse tom está presente em muitas bandeiras dos países dos grupos nagô, como Gana, Benim, Togo e Nigéria.

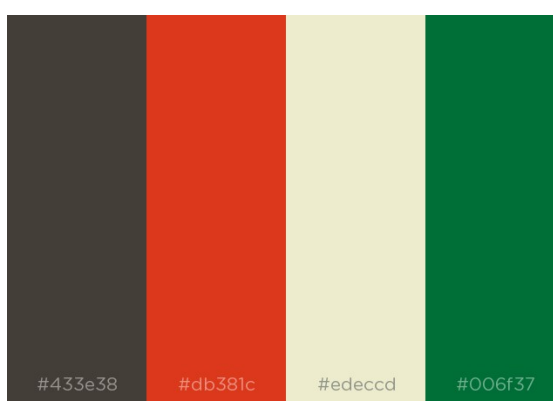


Figura 7 Paleta de cores

Custos: A produção do presente minimanual não teve custos financeiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEAP - CENTRO DE ARTICULAÇÃO DE POPULAÇÕES MARGINALIZADAS. **Intolerância Religiosa no Brasil - Relatório e Balanço**. Rio de Janeiro: Editora Klínē, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2018/08/relatorio-final-port-2.pdf>. Acessado em 15 mar. 2019.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Ática. 2002.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS. Secretaria Nacional de Cidadania. Diretoria de Promoção e Educação em Direitos Humanos. **Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (2011 – 2015): Resultados Preliminares**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/navegue-por-temas/diversidade-religiosa/publicacoes-1/RelatoriosobreIntoleranciaeViolenciaReligiosanoBrasilExpediente2.pdf>. Acessado em: 15 mar. 2019.

_____. **Mapeamento das redes dos povos e comunidades de matriz africana e de terreiros**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/biblioteca/consultorias/seppir/mapeamento-das-redes-dos-povos-e-comunidades-de-matriz-africana-e-de-terreiros>. Acessado em: 21 mar. 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>. Acessado em: 21 mar. 2019.

NETO, Alcino Leite. *et al.* **Manual da Redação – Folha de S. Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2001.

PEIXOTO, Norberto. **Exu: o poder organizador do caso**. Porto Alegre: Besourobox, 2016.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte: pàde, àsèsè e o culto égun na Bahia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás na metrópole**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SEPPIR - SECRETARIA DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA COMUNIDADES TRADICIONAIS. **Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana 2013 – 2015**. Brasília, 2013. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/plano_nacional_desen_sustentavel_povos_comunidades_trad_matriz_africana.pdf. Acessado em: 21 mar. 2019.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**, 4 ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

ANEXO I

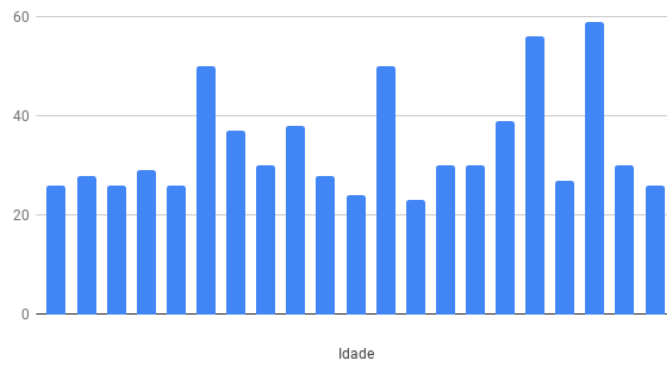
Formulário de entrevista

Nome

Ivete Aleixo
Kauã
Bruna
Thaís Ventura
Sílvia
Stephanie
Diego Chermont Risse
Catia
Raphael Moraes
Igor Fernando Sabino
Carla 'Farias
amanda
LETICIA DO ROSARIO
Juliana Christina Sousa dos Santos
Luiz Leandro da Silva
Gisela Maria Pereira Candiani
Stéfanny Silvestrini de Oliveira
Carlos
Diego Alves Corral
Ronaldo Lima

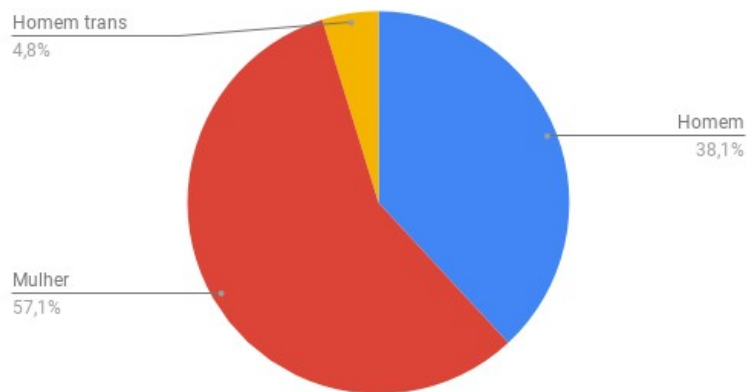
Idade

Histograma de Idade



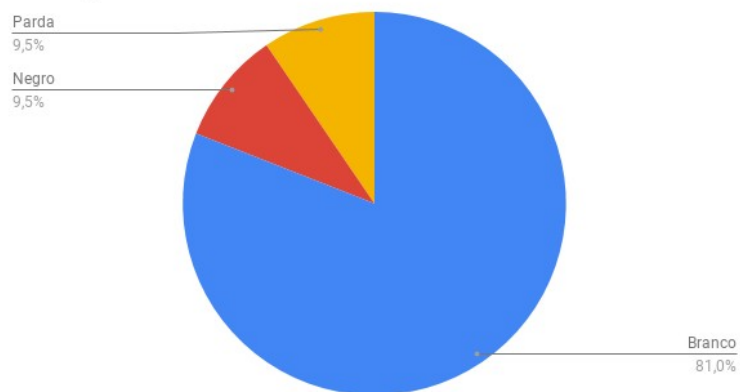
Gênero

Contagem de Gênero



Etnia

Contagem de Etnia



Há quanto tempo você é umbandista ou frequenta a Umbanda?

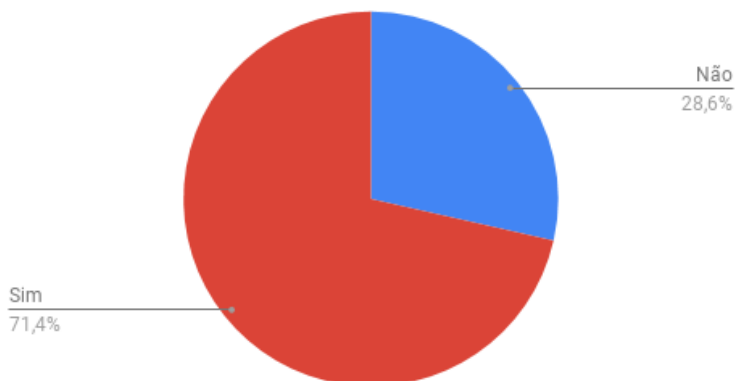
Contagem de Há quanto tempo você é umbandista ou frequenta a umbanda?



Apenas uma pessoa respondeu “Outros” declarando: Não sou Umbandista.

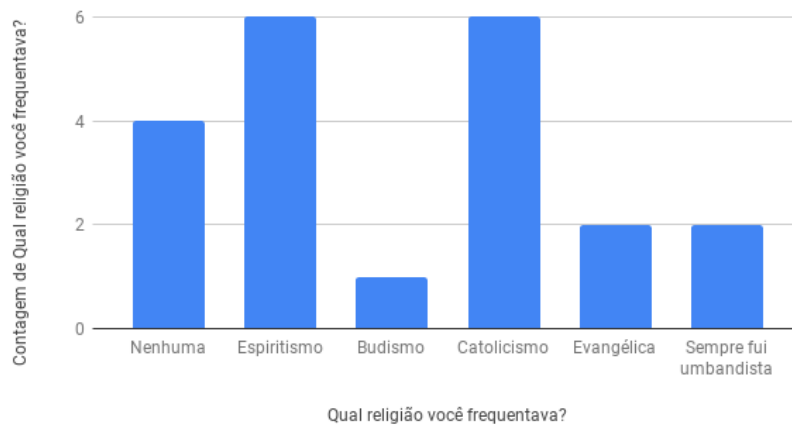
Antes de ser umbandista, você professava outra religião?

Contagem de Antes de frequentar a Umbanda,



Qual religião você frequentava?

Contagem de Qual religião você frequentava?



Qual era sua visão sobre a Umbanda antes de conhecer/frequentar?

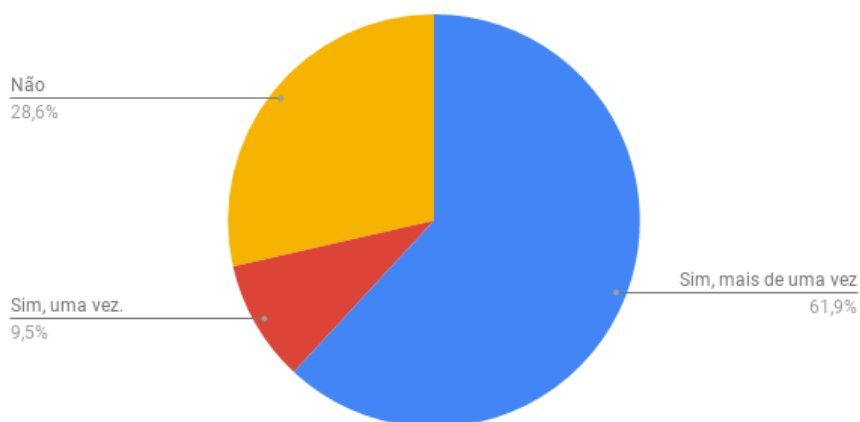
boa
Achava que era pra fazer mal para os outros.
Tinha curiosidade, mas nenhum preconceito.
Tinha medo, achava q praticavam o mal
Ruim, acreditava que era algo que fazia e causava o mal.
Tinha curiosidade....mas antes dos 30 anos tinha um pouco de preconceito sim...porque desconhecia e me baseava pelas opiniões leigas sobre a Umbanda
Religião interessante e diferente
Que fosse algo de errado
Sempre amei a religião ,porem estava afasta da mesma
Imaginava uma coisa escura, que praticava o mal
Minha visão era que achasse que fazia mal as pessoas
Muito sujo o local
Nunca tive nenhuma visão!
Super preconceituosa. Intolerante.
Sempre considerei uma boa religião, que inclusive procurava para receber conforto, antes de me converter
Não sabia sobre nada
Positiva
Preconceito
Assustava
Sempre fui adepto
Adoradores do diabo

Como você enxerga a Umbanda hoje?

ótima
A umbanda me fez ser uma pessoa melhor! Umbanda é cor, cheiro, música, quando toca o atabaque parece que não existe problemas! É ponto de conforto quando vc está em uma situação difícil. É vc se colocar no lugar do outro sentindo o que o outro passa. A umbanda é a fé sentida e vista. É a coisa mais linda vc chegar no terreiro e ver a fé daquele que estão lá.
Como uma fonte de autoconhecimento e aprendizado.
A salvação da minha vida, a melhor e mais acolhedora religião
Uma religião que pratica a caridade e o amor por diversas e diferentes doutrinas.
Uma religião da natureza, bela, apaixonante e espiritual
Religião encantadora
A melhor coisa que aconteceu na minha vida
Hj entendi que a religião é o meu caminho, meu destino, meu amor
Lugar de luz, caridade e boas energias
Enxergo como um meio de ajudar as pessoas espiritualmente
Uma evolução
minha fé!
Como um caminho de evolução. Como as respostas para as minhas maiores dúvidas. Um religião que prega e realiza o amor ao próximo. A caridade.
Hoje em dia minha visão sobre a umbanda é mais ampla, tenho um conhecimento e estudo maior, enxergo o quanto ela é maravilhosa e cheia de amor a oferecer.
Algo que vem nos tornar pessoas melhores, com seus ensinamentos.
Embora não seja frequentadora, admiro e respeito.
Uma religião que me ensinou a ser melhor
Luz, amor, fé, harmonia e caridade
Sempre fui adepto
Uma religião séria

Você já sofreu algum preconceito?

Contagem de Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser umbandista?



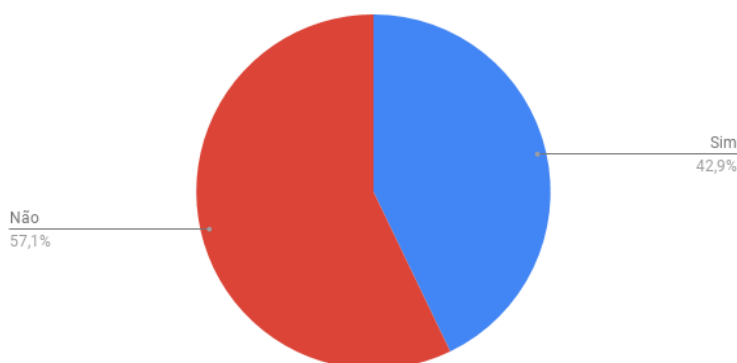
Comente como foi/foram essa(s) situação(ões)?

Fui chamada de macumbeira, que minha vida iria pra traz por causa dessa minha escolha. Mesmo eu explicando que não era assim a pessoa não entendeu, eu senti pena, pobre de espirito e fé. Detalhe que a pessoa não faz um esforço nem pra ir na missa no domingo.
Não tive.
Nunca sofri preconceito por ser da umbanda
Familiares que se afastaram, quando conheço uma pessoa a primeira impressão as vezes até pergunta que ela faz é se eu vou fazer "macumba" pra ela, amarração amorosa, etc.
Diziam que era religião que fazia magia negra...que fazia mal para as pessoas...que não era de Deus
Comentários preconceituosos de colegas de apartamento e de uma ex cunhada
Não tive
Eu nao sofri ate o momento preconceito por conta da minha religião.
Pessoas falando que não é bom
Foi bem constrangedor pois me chamaram de macumbeiro safado de feiticeiro de araque
Tudo que não entendi a tendência é não aceitar . Atrás de diálogo entre amigo sorrindo.
prefiro não falar.
Foi em uma entrevista de emprego. Minha maior frustração.
Sempre acontece ao me perguntarem minha religião, de primeira sempre respondo que sou Espírita, as pessoas "aceitam" melhor, quando para por aí é ok, o problema vem quando questionam se sou Kardecista, ao dizer que não, que sou umbandista, geralmente as pessoas sentem medo ou receio, acham que lido com demônios, se afastam, alguns cortaram relação. É bem complicado o desconhecimento.
Apenas por parte de protestantes

Nenhum
Constrangedora
Nenhuma
O preconceito está embutido no olhar das pessoas quando vc está na rua com seu fio no pescoço, ou uma camiseta de orixá... Na reprova que vc sente ao ser taxado como diferente
Eu já perdi um emprego quando descobriram minha religião, o encarregado era evangélico e não me avaliou pelo meu trabalho e sim pelo que eu cultuava

Você acha que a mídia, em geral, é tolerante com a Umbanda?

Contagem de Você acha que a mídia, em geral, é tolerante com a Umbanda?



ANEXO II

Entrevista Minimanual de Jornalismo Humanizado – Umbanda

Entrevistado: Norberto Peixoto, líder espiritual do grupo umbandista Triângulo da Fraternidade e autor de livros umbandistas.

Parte 1 – Essa primeira parte da entrevista serve para obter repertório que possa esclarecer algumas dinâmicas e signos da Umbanda de forma construir um discurso que possa desmistificar e vencer preconceitos.

Seja pelos excessos de rituais e símbolos do início da formação da Umbanda, e a convergência de cultos, até por pessoas que fazem mal-uso da religião, foi associado à Umbanda a imagem de charlatanismo, magia e esoterismo. Entretanto, essa religião tem outra finalidade, qual é o propósito da Umbanda e para que as pessoas a cultuam?

NORBERTO PEIXOTO: O propósito essencial da Umbanda é a reconexão interna do devoto com Deus. A ciência da autorrealização, de religião e união

divina, não deve ser esquecida em prol de aparatos para fora, desviando a atenção do adepto de seu propósito real; conhecer-se verdadeiramente para desenvolver uma consciência transcendental.

Os adeptos e simpatizantes da Umbanda devem cultuar Deus. Sem dúvida, a Umbanda tem o seu lado magístico, que não deve se sobrepor a própria Umbanda, pois Umbanda é muito, muito mais que magia. Observe que, historicamente, a magia nunca resolveu em definitivo os sofrimentos da humanidade. Pelo contrário, nossa ânsia de controlar os elementos e deidades em proveito próprio sempre nos afundou no abismo do egoísmo, da vaidade e da exaltação orgulhosa. Infelizmente muitos procuram a Umbanda só para conseguirem algum proveito próprio, material e rápido.

A real essência e propósito da Umbanda é transformar as pessoas e suas consciências despertando-as para a vida transcendental e o amor de Deus.

Desse mesmo histórico, muitos povos marginalizados foram acolhidos pela Umbanda, fato que gerou preconceito social, de classe, xenofobia além de racismo contra essa religião e seus fiéis. Como a Umbanda entende essa pluralidade de culturas e pessoas em seus ritos?

NP: A pluralidade étnica, cultural e religiosa é bem-vinda na Umbanda. Dentro de sua Seara, todos vestidos de branco, são todos iguais, filhos de um Deus único. As distinções que nos separam são da humanidade e não da mensagem sagrada e libertadora da Umbanda.

Qual a concepção de sagrado na visão Umbandista?

NP: a Umbanda é monoteísta, acredita num Deus único, Criador, Formador e Mantenedor do Universo em suas infinitas moradas, em diversas dimensões vibratórias. A partir deste núcleo central, cada casa “acomoda” as formas e nomes das deidades a serem cultuadas em conformidade com a sua origem, tradição e capacidade de compreensão.

As oferendas realizadas aos Orixás costumam ser associadas à magia negra entre outras coisas. Qual é a função das oferendas aos Orixás e sua

importância para a liturgia? Como diferenciar os elementos de oferta às divindades dos ritos de charlatanismo e magia negra?

NP: Há um equívoco na formulação da pergunta. Os Orixás não são associados a magia negra e sim Exu, demonizado pelo processo de aculturação da religião tradicional yoruba no Brasil. Talvez sejam os neopentecostais que associem os Orixás ao mal, mas no imaginário popular vigente no Brasil ainda são fortemente sincretizados aos santos católicos. A importância das oferendas aos Orixás é relativa à liturgia de cada casa, não sendo um consenso em todos os Centros. Os ritos de charlatanismo e magia negativa são cobrados, o que já denota um distanciamento da prática usual da Umbanda, que é totalmente gratuita.

Os símbolos da Umbanda, como suas giras, roupas brancas, elementos ritualísticos, imagens de divindades e entidades são elementos culturais e religiosos que também passam por estigmas negativos. Qual sua importância para a Umbanda e seus ritos?

NP: Este estigma negativo depende do ponto de vista. Imagens que dão formas às deidades ou entidades, associadas a nomes sagrados que carregam atributos divinos, servem para a nossa concentração mental e despertar da fé. O maior estigma negativo da Umbanda não são as imagens ou elementos e sim a falta de caráter de alguns pseudo umbandistas, totalmente despreparados e sem ética. Os elementos de rito, imagens, etc, tem importância proporcional em cada centro, desde os que quase nada usam, mais esotéricos, até àqueles com altares mais “carregados”, logo mais exotéricos. A importância central para a Umbanda é a transformação do indivíduo e aumento de sua consciência e espiritualidade. O resto é acessório e se adapta a necessidade de cada templo.

Dentre as entidades da Umbanda, duas foram maior preconceito e estigmatização: Exu e Pombogira. Quem são essas entidades? Qual seu papel na Umbanda? Como atuam na espiritualidade?

NP: estas entidades são espíritos como todos os outros. Estudando o esoterismo do Orixá Exu, sua gênese e cosmovisão, provamos que o Exu praticado no Brasil, aculturado na visão judaico-cristão de oposição entre o bem e o mal, entre o demônio e Deus, nada tem haver com a origem africana de Exu, na qual não

existem opositores à Deus. Da mesma forma Pombagira, adaptação da divindade Bombojira, da tradição Bantu, que nada tem haver com o conceito deturpado e repleto de preconceito da pomba-gira no imaginário popular. Exu e Pombagira na Umbanda tem o papel de nos despertar das amarras da ignorância e do preconceito sentencioso. Dá oportunidade a todos os excluídos em outros credos religiosos de virem a fazer parte da Umbanda. A atuação na espiritualidade destas duas forças concretiza-se em nosso lado sombra, levando a luz para que enxerguemos nossos equívocos e despertemos para um conagração fraternal mais amplo e menos hipócrita.

Existem diversas histórias de Exus ou Pombogiras com vidas pregressas desregradas e isso é utilizado para justificar a forma como se apresentam. Como a religião enxerga isso? Existe uma relação diferente da visão sobre o bem e o mal (concepção cristã e maquiavélica) e do perdão que possa explicar essas entidades?

NP: as casas religiosas sérias esforçam-se por libertar uma camada da massa umbandista das amarras da ignorância. Nenhum encarnado é “santo” e justificar nossos desatinos e desregramentos pelas vidas passadas tresloucadas que tivemos e, pior, atribuir isto a uma entidade acima do bem e do mal, é nos iludirmos que não somos responsáveis pelos nossos atos. Hoje não existem mais médiuns inconscientes e o estudo da Umbanda e, principalmente, o polimento do caráter, são ferramentas que devem conduzir a Umbanda ao seu lugar de direito perante a sociedade mais ampla, como uma religião que é ciência de autorrealização espiritual.

O transe mediúnico é outro elemento que passa por preconceito. Por ainda não ter uma explicação científica que corrobore a visão religiosa, a incorporação é tida como charlatanismo, disfunção psicológica ou possessão demoníaca. Dessa forma, o que é o transe mediúnico, como essa ferramenta se manifesta e qual seu papel na religião?

NP: O transe mediúnico na atualidade é caracterizado como um estado alterado e superior de consciência. Não existe mais transe inconsciente. É verdade que existe muito charlatanismo e disfunção psicológica em muitos médiuns, infelizmente

ainda por dentro da Umbanda. Todavia, os estados supraconscientes são de natureza intrínseca ao ser humano e nos lembram que somos espíritos imortais ocupando um corpo de carne mortal. A ciência já comprova o transe, embora não compreenda, e nem é seu campo de pesquisa, o aspecto transcendental envolvido. O papel dos transe nas religiões é nos comprovarem a existência de outros planos de vida, além da matéria transitória.

Parte 2 – Essa parte da entrevista serve como mapeamento do preconceito e das problemáticas da intolerância religiosa que possam servir para apoiar o texto do minimanual e propor narrativas que protejam os Direitos Humanos e promovam a tolerância religiosa.

Você já passou por situações de preconceito ou intolerância religiosa?

NORBERTO PEIXOTO: Infelizmente sim, notadamente no meio espírita, que não aceita as entidades da Umbanda. Também já sofri preconceito por ser médium, o que não é bem visto em algumas doutrinas espiritualistas.

Poderia descrever quais foram os preconceitos vividos? (O mesmo vale para o terreiro Triângulo da Fraternidade)

NP: Num centro espírita, era terminantemente proibido ser ou ir na Umbanda. Não sabia e levei meu filho para tomar um passe e disseram que ele estava com um obsessor porque eu era umbandista. Estaria “prejudicando” meu filho pelo simples fato de trabalhar na Umbanda. Sai da casa e nunca mais voltei.

Quanto ao Triângulo, já tivemos neopentecostais espalhando sal grosso em nossa calçada e abordando nossos frequentadores. Ultimamente, isto não tem ocorrido mais, pois a igreja que era próxima se mudou.

Além dos pontos da parte 1, você saberia dizer quais outros aspectos da Umbanda são estigmatizados?

NP: Confundir tudo como a mesma coisa. O leigo não distingue o que é Umbanda de outras práticas e isto contribui mais ainda para a ignorância e preconceito vigente. Por outro lado, falta-nos maior representatividade social. Somos uma religião desunida entre nós, muito desunida, esta é a verdade.

Você já viu abordagens jornalísticas sobre a Umbanda que lhe causaram desconforto por usarem termos inadequados, abordarem de forma incorreta ou construírem narrativas que reforçavam estereótipos? Poderia relatar?

NP: Sim, sim, em veículo de massa, como RBS, Zero Hora e Globo. Até em programas humorísticos e novelas somos motivos de gozação e preconceito velado. Recentemente tivemos o caso de uma mulher no Rio que explorava e mantinha o marido rico e idoso dopado para lhe tirar o dinheiro, que “doava” para uma mão de santo sem caráter. Esta por sua vez era sua laranja e sócia no golpe. Generalizou-se e virou um caso de “umbanda”, talvez por desconhecimento, talvez mais por má vontade do veículo de imprensa.

O que gostaria de ver nas reportagens sobre a Umbanda que poderia contribuir para a religião?

NP: Seriedade, maior pesquisa e domínio deste universo religioso por parte dos jornalistas.